



GT – “9”: “Geografia Histórica Urbana”

## CIDADES ESCRAVAS: POR UMA GEO-HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO URBANA

Ana Luiza Guigues  
Universidade Federal Fluminense  
anaguigues@id.uff.br

**RESUMO:** Este trabalho busca introduzir o pensamento geográfico ao estudo da escravidão nas Américas, especialmente a escravidão urbana no século XIX, uma vez que, desde sua institucionalização enquanto ciência, a Geografia pouco se envolveu no estudo desta temática. A História, em contrapartida, e por ser a disciplina protagonista dessas discussões, possui um amplo debate na historiografia nacional e estrangeira, focando principalmente nas vivências dos escravizados no meio urbano. Do contrário, a proposta aqui apresentada é abordar o urbano em torno da escravidão, tendo as cidades do Rio de Janeiro, Nova Orleans e Havana como modelos. O intuito é contribuir não somente com a História a partir de uma abordagem geográfica e com a Geografia a partir de um tema histórico, mas sim fortalecer o campo comum entre as duas ciências: a Geo-história.

**Palavras-chave:** Geo-história; Escravidão; Urbano.

## 1. INTRODUÇÃO

---

Este artigo é um esforço duplo em prol de dois campos científicos há muito familiarizados entre si; a História e a Geografia, mas que por vezes desconversam no que tange a temas em comum. Em relação ao estudo da escravidão nas Américas, a História é a disciplina protagonista de suas discussões, tendo a Geografia pouco se envolvido com tal temática ao longo dos anos desde sua institucionalização enquanto ciência, em fins do século XIX. O trabalho a ser aqui apresentado busca justamente envolver a discussão geográfica no estudo da escravidão, especialmente a escravidão urbana no século XIX. Na historiografia nacional e estrangeira, a questão escravista urbana começou a surgir a partir da segunda metade do século XX no campo da História, com destaque para a obra *Slavery in the Cities* (1964) de Richard Wade, um dos pioneiros no assunto. Em seu trabalho, o autor fala da escravidão nas cidades sulistas dos Estados Unidos entre 1820 e 1860, o período *antebellum* norte-americano<sup>1</sup>. Comparando a escravidão nas cidades com aquela vista no meio rural, em especial nas plantations, Wade argumenta sobre “a composição racial da população, [...] o tamanho da propriedade escrava, [...] as formas de trabalho e o controle, [...] as condições de vida dos cativos e na convivência fora da propriedade do senhor [...]” (Algranti, 1985, p. 207-8), entre outros temas relevantes.

Nessa esteira, surgem trabalhos nacionais abordando as mesmas questões, como o de Kátia Mattoso, *Ser Escravo no Brasil* (1982); o de Leila Mezan, *O Feitor Ausente* (1988); o de Mary Karasch, *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro* (2000); o de João José Reis, *Rebelião Escrava no Brasil* (2003); e o de Juliana Farias et al. *Cidades Negras* (2006); entre outros. Ainda que tratando de temas e cidades diversas, essas obras, ao versarem sobre um ou mais aspectos da escravidão urbana, principalmente no século XIX, costumam priorizar uma perspectiva da escravidão a partir do urbano, ou seja, analisar as dinâmicas escravistas no contexto urbano. A intenção deste trabalho é propor então um caminho contrário; versar sobre o urbano a partir da escravidão, sobre o urbano no contexto da escravidão. Para isso, a incorporação da Geografia é de extrema necessidade, uma vez que é a ciência referencial para tratar sobre o espaço, seja ele urbano ou não.

---

<sup>1</sup> Período anterior à Guerra Civil norte-americana (1861-1865), que terminou por findar a escravidão nos estados do Sul do país.

Todavia, desde sua institucionalização enquanto ciência, a Geografia pouco produziu e produz sobre a escravidão urbana, - ou sobre a escravidão num geral. Apesar do campo da Geo-história representar um grande esforço de consonância entre Geografia e História com importantes autores no cenário nacional e internacional, os seus discípulos, até o momento, pouco voltaram seus olhos para a temática escravista, tão central na História (Guigues, 2022). Na verdade, a ciência geográfica infelizmente tende a tratar muito mais do tempo presente do que do passado, como se fosse regida por uma lei que limita seu campo temático e cronológico de atuação (Abreu, 1998). A proposta deste artigo é então tentar romper com este paradigma e introduzir uma abordagem mais geográfica da escravidão, especialmente da escravidão urbana observada nas Américas do século XIX. O interesse não é somente em ampliar o campo de estudos da Geografia, mas subsidiar também uma importante temática da História e fortalecer cada vez mais o esforço conjunto da Geo-história.

Para tal, optou-se por trabalhar com uma abordagem historiográfica que, aos olhos do autor, possui grandes contribuições para a Geografia e vem propondo abordagens cada vez mais espaciais para o estudo da escravidão. Assim, na perspectiva teórica da Segunda Escravidão, sugere-se a comparação das três cidades escravistas mais dinâmicas do século XIX: Havana, Rio de Janeiro e Nova Orleans.

## **2. POR UMA ABORDAGEM GEO-HISTÓRICA DA ESCRAVIDÃO URBANA**

---

A Geografia Urbana é um dos campos de maior destaque da ciência geográfica, com grande número de célebres autores no cenário nacional e internacional. A História, assim como a Arquitetura, as Ciências Sociais, entre outras, é uma das disciplinas que encontra subsídios nesta área para amparar seus debates acerca do meio urbano. Nesse contexto, o estudo da urbanização na História não é recente e, desde meados do século XX, há um certo movimento em incorporar a escravidão negra nas Américas nestas discussões. Como mencionado anteriormente, há uma diversidade de obras que tratam do tema, desde a literatura estrangeira até o debate nacional. De acordo com Ynaê Lopes dos Santos (2012), até a primeira metade do século XX, a escravidão era tida como um fenômeno essencialmente rural, concebida apenas nas plantations e engenhos. Já a partir da década de 1960, é observado um conjunto cada vez maior de obras que abordam a escravidão como um fenômeno também urbano, rompendo com uma imagem mais “tradicional” da escravidão:

Desta feita, na década de 1960, o cativo urbano começou a ganhar status de objeto independente e legítimo de análise. O trabalho de Richard Wade inaugurou o estudo sobre o cativo moderno no espaço urbano, mostrando que, mesmo numa sociedade marcada pela agricultura monocultora (no caso, o Sul dos Estados Unidos), a escravidão adaptou-se a diversas situações. [...] Influenciada pela obra de Richard Wade e em franco debate com a historiografia sobre escravidão que entendia o cativo urbano como uma dimensão menos violenta do sistema escravista, em 1972 Mary Karasch defendeu sua tese de doutorado, publicada quinze anos depois. A obra de Karasch foi inovadora por dois motivos. O primeiro refere-se à própria escolha do objeto de estudo. Ao se valer de um corpus documental riquíssimo - desde relatos de viajantes até atas municipais, jornais da época e processos criminais -, a autora demonstrou a viabilidade da pesquisa sobre o tema, contrariando o que havia sido postulado por Gilberto Freyre anos antes. O segundo ponto inovador se remete à perspectiva analítica adotada por Karasch, que tomou o escravo como sujeito de sua história. Essa abordagem permitiu esmiuçar as diversas facetas da vida escrava no Rio de Janeiro, traçando um amplo quadro sobre a estrutura do sistema escravista e o cotidiano cativo (p. 11-2).

Como apontado pela autora, um dos principais destaques da obra de Karasch (2000) foi o protagonismo concedido aos escravizados, colocando-os como sujeitos principais de seu objeto de análise. Outras obras na literatura nacional - algumas anteriores e outras posteriores ao trabalho da autora - também apresentam essa abordagem, conferindo grande destaque a vida dos escravizados no meio urbano (Mattoso, 1982; Algranti, 1988; Reis, 2003; Farias et al. 2006). Diferentemente, o foco deste trabalho é priorizar não as dinâmicas escravistas no contexto urbano, mas sim as dinâmicas urbanas no contexto da escravidão moderna atlântica. Assim, antes de tudo, a proposta aqui é por uma análise mais espacial, geográfica do meio urbano no contexto escravista, conferindo ao espaço o posto de objeto central do estudo, sem, no entanto, menosprezar o peso histórico do fenômeno em questão.

Nesse contexto, nos termos da epistemologia geo-histórica de Fernand Braudel, o espaço urbano - ou qualquer espaço - não pode ser um mero cenário para o desenrolar da escravidão. Ele é elemento fundamental e constituidor desse fenômeno no Mundo Atlântico. Guilherme Ribeiro (2011), ao argumentar sobre as obras de Braudel, expõe que

[...] o ritmo do homem não é igual ao da natureza; que o homem não está ‘sozinho’ no mundo; que a história não se dá a seu bel prazer. De qualquer maneira, depende-se do espaço, seja do quadro natural inicial, seja do meio já produzido e modificado humanamente (p. 69-70).

Assim, “[...] o espaço é coordenada histórica fundamental da vida social, [...] um dado e um produto histórico, elemento a priori imposto ao homem e consequência histórica” (Ribeiro, 2011, p. 73-4). Yves Lacoste (1989), em argumento semelhante no seu capítulo “Braudel Geógrafo”, discute que, nas obras do autor

[...] as representações espaciais estão estreitamente associadas a toda espécie de movimentos, rápidos ou lentos, de maior ou menor distância. Os conjuntos geográficos concebidos por Braudel não são apenas conjuntos imóveis cujos movimentos devam levar em conta obstáculos ou vantagens. São conjuntos baseados nos movimentos em si, áreas de influência cujos limites são tratados precisamente em função desses movimentos. [...] As representações espaciais de Fernand Braudel na verdade estão fundamentalmente ligadas aos movimentos (p. 199).

Que melhor concepção de movimento a partir do século XVI que as transformações políticas, econômicas, sociais, históricas, geográficas que conceberam o chamado o Mundo Atlântico? Que melhor concepção de movimento para os séculos XVI-XIX senão o tráfico negreiro, as plantations, o mercado de escravos, os portos, as fábricas, os motores a vapor, enfim, a escravidão e a indústria e todo o novo mundo capitalista que elas organizaram? Não à toa o urbano emerge neste contexto de rápidas e longas, mas principalmente estruturantes transformações. Compreendê-las em sua totalidade exige então uma abordagem que seja capaz de abarcar com suas múltiplas facetas, seus múltiplos valores, priorizando não somente o objeto histórico, mas também o geográfico.

Se a História pode e deve incorporar uma geograficidade ao estudo da escravidão, pode a Geografia envolver maior historicidade no estudo do urbano? Especificamente, poderia a Geografia voltar seus olhos ao tema histórico da escravidão moderna e conceder-lhe uma abordagem geográfica? Poderia a Geografia Histórica Urbana se desprender da limitada análise morfológica de cidades que costuma empreender (Abreu, 1998) e expandir seu campo de atuação para temas tão centrais quanto a escravidão negra? Se a cidade transformada pela indústria emerge como urbano num amplo conjunto de processos e movimentos socioeconômicos estudados pela Geografia, poderia ela abarcar a escravidão nesse mesmo sentido? Segundo Ribeiro (2011),

Com o capitalismo, a cidade assume o papel de ser a expressão mais fiel do mesmo. Nela, faz-se a política, a economia, o espaço. O meio vai sendo parcialmente recoberto graças ao trabalho, à materialidade das construções e ao estabelecimento de massa humana cada vez maior, emprestando ao cotidiano o movimento, a velocidade e a expansão típicos da dinâmica capitalista. [...] Impunha-se uma nova organização do espaço e, com ela, a reorganização interna da sociedade. Expandiam-se os limites dos lugares conhecidos; aumentava-se a mobilidade da população; diminuía-se sensivelmente o tempo das viagens; teciam-se redes sociais, físicas e financeiras (p. 76-7).

A escravidão, inserida no processo capitalista de acumulação da longa duração, não atingiu o meio citadino de forma semelhante que a indústria? Também não recobriu as cidades da

América de massas humanas escravizadas e livres, de portos, de comércio - inclusive de pessoas - de transportes, de produtos, de edifícios, de dinheiro, de velocidade, de fixos, fluxo e enfim, de movimento? Não recobriu com tais elementos inclusive cidades do outro lado do Atlântico e mais além, como Europa, África, Ásia?

O que se busca argumentar aqui é que, para além da necessária incorporação espacial aos processos históricos, cabe também a incorporação da historicidade - e não somente temporalidade - aos processos geográficos, ao meio espacial. No contexto do urbano, é válido buscar os arranjos impressos pela escravidão moderna em seus mais de 300 anos de existência no continente americano, considerando toda a organização global econômica, política, social e cultural que trouxe consigo. Nesse sentido, pode-se resgatar os dizeres de Milton Santos (2006) acerca do tempo e espaço, o qual aponta que

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições (p. 33).

Se o meio urbano presente - ou pelo menos a partir de meados do século XIX mas mais precisamente a partir do século XX - que a Geografia tanto se debruça a estudar é apreensível nesses termos apontados por Santos, poderia o meio urbano “passado” também o ser?

Para Abreu (1998), compreender o passado nos termos geográficos, ainda que seja uma tarefa um pouco mais complexa, não é de modo algum impossível. De fato, o célebre autor em *Sobre a Memória da Cidades* (1998) não só faz um apelo à Geografia por mais estudos geo-históricos, como também ensaia metodologias para tal:

As análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual de globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas. Se conceitos e variáveis são historicamente datados, não podendo ser transladados impunemente através do túnel do tempo, as categorias de análise, que eles operacionalizam e desagregam, não o são. E são elas que orientam, em última instância, a análise geográfica. [...] Para se estudar e interpretar os espaços do passado, o que é fundamental então é definir quais são os conceitos e variáveis adequados à análise do tempo que se decidiu estudar. Se o objeto de estudo é uma cidade, o ponto de partida é a recuperação do quadro referencial maior daquele lugar naquele tempo, ou seja, o seu enquadramento espaço-temporal. Em outras palavras, temos que recuperar o "tempo do lugar", isto é, "o conjunto de temporalidades próprias a cada ponto do espaço, [que] não é dado por uma técnica, tomada isoladamente, mas pelo conjunto de técnicas [amplamente definidas] existentes naquele ponto do espaço [naquele momento do tempo] (Santos, 1994: 62) (p. 94).

Este trabalho, portanto, reitera seu apelo e sugere, como ponto de partida, um estudo comparativo entre as três principais cidades escravistas da América no século XIX.

### **3. RIO DE JANEIRO, HAVANA E NOVA ORLEANS: O URBANO ESCRAVISTA DO SÉCULO XIX**

---

Não foi a escravidão atlântica que inaugurou a presença de escravos em cidades, mas, tal como apontado por Dale Tomich em sua teoria sobre a “Segunda Escravidão”, a presença escrava nas cidades a partir do século XIX certamente acompanhou as mudanças globais nas dinâmicas escravistas como um todo. Para o autor, na passagem do século XVIII para o século XIX e a partir da Revolução Haitiana, da Revolução Industrial e da intensificação do capitalismo como modo de produção, espaços escravistas tradicionais - isto é, as Antilhas britânicas, o Nordeste brasileiro, o *Old South* nos Estados Unidos, principalmente - tornaram-se, de certa forma, obsoletos, sem conseguir acompanhar a demanda de matérias primas exigidas pelo capitalismo industrial emergente do período (Tomich, 2011). Sob esta ótica, Tomich aponta a emergência de “novas fronteiras da escravidão”, em contraponto aos espaços antigos, que não mais conseguiam suprir as novas demandas industriais. Esses novos espaços, portanto, foram ocupados por plantations de commodities em alta demanda no mercado mundial, com intensificação da mão de obra escrava e aumento desse contingente populacional, além da intensa exploração do meio ambiente. Nesse contexto, os três principais espaços da chamada “Segunda Escravidão” foram o Vale do Paraíba, no Sudeste brasileiro, o *Deep South*, no Sul dos Estados Unidos, e a ilha de Cuba, no mar do Caribe (Tomich, 2011; 2016).

Muitos trabalhos já foram realizados ao longo dos anos a respeito desses espaços na perspectiva da Segunda Escravidão. Além de obras do próprio Tomich (2011, 2016, 2021), outros autores também se debruçaram sobre o tema, como Rafael Marquese (2016, 2020), Edward Baptist (2019), Tâmis Parron (2010, 2011), entre outros. Muitos deles, inclusive, por vezes optaram por uma perspectiva comparada entre Cuba, Brasil e Estados Unidos, a fim de analisar a instituição da escravidão nesses diferentes espaços onde se desenvolvera no século XIX. Nesse sentido, destaca-se o trabalho de Ynaê Lopes dos Santos, *Irmãs do Atlântico* (2012), sua tese de doutorado. Nela, a autora compara a escravidão entre Havana, em Cuba, e Rio de Janeiro, no Brasil, numa abordagem que prioriza a escravidão urbana nas duas capitais. Para ela, Havana e Rio eram “irmãs do Atlântico” devido a suas semelhanças na questão da

escravidão, o que alçou ambas às maiores cidades escravistas do Mundo Atlântico no século XIX, segundo a própria. Justificando sua escolha em focar mais no aspecto urbano da escravidão do que no escravizado em si, ela argumenta que, num geral, as historiografias cubanas e brasileiras sobre o tema versam sobre a presença dos cativos nas cidades, se desdobrando em aspectos de suas vidas, sobrevivência e resistência (dos Santos, 2009). Para ela, no entanto, tais perspectivas não eram suficientes para compreender porque Rio e Havana conquistaram o nefasto título de “maiores cidades escravistas”. Assim,

[...] julgou-se necessária uma abordagem que permitisse o entendimento das dinâmicas da escravidão urbana [...], [que permitisse analisar] a força que a escravidão exerceu na conformação sócio espacial das duas cidades [...] (2012, p. 4).

Na esteira da Segunda Escravidão, a tese de Ynaê é um dos poucos trabalhos que se debruçam sobre uma análise essencialmente urbana da escravidão no século XIX. Outros autores, ainda que não necessariamente dentro desta perspectiva teórica, também se propuseram a uma análise comparada da escravidão urbana em outras cidades. Neste sentido, pode-se destacar a obra de Daniel Walker *No More, No More: Slavery and Cultural Resistance in Havana and New Orleans* (2004); a tese de Gregory Kent Weimer *Policing Slavery: Order And The Development Of Early Nineteenth-Century New Orleans And Salvador* (2015); e o livro de Carlos Eduardo Valencia Villa *Ao longo daquelas ruas: a economia dos negros livres em Richmond e Rio de Janeiro, 1840-1860* (2016). Vê-se que, nas três obras, os Estados Unidos são incorporados nos estudos comparados sobre escravidão no meio urbano, uma intenção também presente neste trabalho. Ao considerar a emergência das três novas fronteiras da escravidão no XIX - Brasil, Cuba e Estados Unidos -, faz-se mister envolver a cidade escravista de maior destaque do país norte-americano, Nova Orleans.

Abarcar Rio de Janeiro, Havana e Nova Orleans numa perspectiva comparada apresenta-se assim como um dos caminhos possíveis para analisar a escravidão urbana no XIX. Independentemente de suas diferenças - e elas são inúmeras - as três cidades, ao emergirem como os maiores centros urbanos escravistas do mundo atlântico moderno, parecem ter apresentado mais semelhanças entre si do que divergências. Citando novamente Ynaê Lopes dos Santos, a autora argumenta que

[...] o grande número de escravos no espaço urbano, a proximidade com importantes centros de produção agrícola, o peso político e a forte presença de autoridades estatais

criaram semelhanças relevantes [...] que permitem aventar a hipótese da existência de um padrão de cidade escravista no mundo atlântico (2009, p. 6).

Nesse contexto, as três cidades, mesmo após a proibição do tráfico transatlântico de escravos pela Inglaterra em 1807, viram o número de cativos aumentar drasticamente<sup>2</sup>. Seus portos inundados pelos escravizados que chegavam por rio ou mar, viam-se também abarrotados de novas commodities produzidas pelos mesmos (café, açúcar e algodão) e cada vez mais demandadas pelos grandes centros urbanos europeus e norte-americanos. Seus ordenamentos espaciais, seus meios urbanos, cada vez mais transformados pela escravidão e para ela sustentar, bem como seus meios naturais - pode-se comentar acerca dos mangues aterrados no Rio de Janeiro e dos diques, canais e barragens no rio Mississippi em Nova Orleans, por exemplo. Suas entidades, instituições políticas e econômicas transformadas e ajustadas para controlar, gerir, ordenar, manter e sustentar a escravidão, como as polícias, as classes políticas e jurídicas, comerciantes, banqueiros, traficantes. Pode-se citar aqui inúmeras questões e elementos de grande semelhança entre as três cidades a título de comparação, assim como também pode-se optar por apontar suas diferenças.

Como mencionado anteriormente, alguns trabalhos já se debruçaram nessas comparações, ao passo que outros optaram por estudar apenas uma cidade. Nesse contexto, pode-se destacar trabalho de Luzón, Baila e Sardaña *Sociedad y Espacio en La Habana de 1877* (1990) e os de Maurício de Almeida Abreu *Evolução Urbana do Rio de Janeiro* (2006); *Geografia Histórica do Rio de Janeiro* (2010). Ainda que não abordem propriamente a questão escravista, os trabalhos dos autores ajudam a pensar o urbano num contexto mais histórico-geográfico. O caso de Abreu, em particular, chama a atenção. Em seu famoso texto *O Rio de Janeiro no século XIX: da cidade colonial à cidade capitalista*, capítulo da obra de 2006, o autor quase não menciona o fato de que a cidade, por mais da metade de sua existência, foi uma cidade escravista, principalmente no referido século. Como escapar um aspecto tão crucial da capital do Brasil à época? O que isso implicava para o ordenamento e funcionamento da urbe

---

<sup>2</sup> Os Estados Unidos, diferentemente de Cuba e do Brasil e por diferentes razões, diminuiu a importação de escravos vindos da África nos anos subsequentes à proibição do tráfico negreiro pela Inglaterra. A maior parte de seus escravos foram levados para o *Deep South* via tráfico interno, transportados de outros estados norte-americanos para a região do *boom* algodoeiro. No entanto, há registros na historiografia estadunidense sobre escravos traficados da África e de países caribenhos mesmo após a proibição do tráfico em 1807. Ver Rothamn, Adam. *Slave Country: American Expansion and the Origins of the Deep South*. Cambridge: Harvard University Press, 2005; Baptist, Edward. *A Metade Que Nunca Foi Contada. A Escravidão e a Construção do Capitalismo Norte-americano*. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2019.

carioca no período? Defendendo que a Geografia Histórica Urbana não deve limitar-se a estudar somente as morfologias urbanas do passado (1998), é espantoso o autor pouco comentar sobre o papel da escravidão no Rio de Janeiro do século XIX. No caso dos autores espanhóis, o que chama a atenção é o trabalho de tentar identificar características sociais de Havana em fins do século XIX, como a organização dos bairros, a composição populacional, o tipo de serviços e comércio que a mesma possuía, etc. Apesar de ser em grande parte um trabalho descritivo, levanta pontos interessantes sobre a capital cubana e que podem – e deveriam! – ser replicados para outras cidades escravistas do mundo atlântico. Independentemente do aspecto escolhido para análise, cabe ressaltar a importância das conexões que essas urbes apresentaram no mundo atlântico escravista do século XIX e que definitivamente imprimiram suas marcas em suas geografias urbanas históricas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O exame da escravidão urbana não é assunto novo na historiografia, seja ela estrangeira ou nacional. Dentre as obras aqui apontadas, viu-se que um número considerável, a partir de meados do século XX, dedicou seus esforços a entender a vida dos cativos no meio urbano, enfatizando seus arranjos e dinâmicas sociais para sobreviver e resistir ao cativeiro em diferentes cidades da América. Em contexto semelhante, Ynaê Lopes dos Santos dedicou sua tese de doutorado ao exame da escravidão nas cidades do Rio de Janeiro e Havana, considerando o recorte do século XIX. A autora, diferentemente de outros que a precederam, optou por abordar o meio urbano escravista em si em detrimento da vida dos escravizados. Para ela, investigar somente as dinâmicas sociais dos cativos não permite uma análise que possibilite compreender porque as duas cidades em questão tornaram-se as “maiores cidades escravistas do Atlântico”. Seu trabalho então orientou-se por uma abordagem mais centrada no ordenamento do urbano escravista numa perspectiva comparada. De forma semelhante, viu-se também outros trabalhos que seguiram a metodologia comparativa entre cidades escravistas, priorizando outras urbes como Nova Orleans, Salvador e Richmond. Ainda que não tenham necessariamente se debruçado sobre o estudo do ordenamento urbano, a inclusão de outras cidades nesta temática, especialmente Nova Orleans, torna-se de grande importância quando se considera a emergência de novas fronteiras da escravidão na virada no XVIII para o XIX, sendo o Brasil, Cuba e Estados Unidos os grandes destaques deste processo.

Concordando com Ynaê Santos (2012), este trabalho propôs que a análise do urbano escravista do século XIX beneficiar-se-ia de uma análise comparativa não somente entre duas cidades, mas sim entre Rio de Janeiro, Havana e Nova Orleans. Ainda, abordar essencialmente o meio urbano, ou seja, seu ordenamento espacial, seu valor geográfico, é de suma importância e tem agregado qualidade, novidade e novas possibilidades aos estudos históricos. De maneira inversa, questionou-se também a incorporação da escravidão urbana nos estudos geográficos. Acostumada a tratar do meio urbano, esta última ciência, no entanto, costuma concentrar suas análises para o espaço presente, pouco alargando suas possibilidades para temas tratados mais comumente pela História (Abreu, 1998). A escravidão - e mesmo a escravidão urbana que, como viu-se, tem incorporado abordagens mais espaciais em seus trabalhos - pouco é discutida pela ciência geográfica. Indagou-se, então, se poderia a História contribuir com a Geografia tal como esta última tem feito à primeira.

Em defesa desta perspectiva, argumentou-se, portanto, sobre a possibilidade de uma geo-história da escravidão urbana, nos melhores termos braudelianos. Sem priorizar uma disciplina em detrimento da outra ou encerrar as duas em si mesmas, ou ainda, tratá-las como sinônimas, a geo-história segundo Braudel pode contribuir e muito para esse movimento teórico. Como apontou Ribeiro (2011),

[...] Braudel demonstra que a história das sociedades é inseparável do espaço – e isso fica mais evidente na escala em tela, em que se nota ser o espaço, para além de seu aspecto físico (área a ser ocupada, por exemplo), elemento constituinte de tais histórias e não algo ‘externo’. [...] enriquecida pela ciência geográfica, a história deixa de ver os homens separados de seus ambientes; amparada no processo histórico, a geografia não corre o risco de precipitar-se na ladeira no determinismo (p. 73-5).

Poderia também, nesses termos, a geografia das sociedades ser inseparada do tempo? Poderia ser seu elemento constitutivo e não apenas uma mera marcação ou delimitação temporal para um processo espacial ou meio geográfico? Escolhe-se, assim, concordar com o entendimento de Milton Santos em seu célebre Espaço e Método (1985) no qual, para o autor, “[...] [a] noção de espaço é inseparável da ideia de sistemas de tempo” (Passos, 2016, p. 79).

## 5. REFERÊNCIAS

---

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. **Revista da Faculdade de Letras** — Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPP, Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2006.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Geografia Histórica do Rio de Janeiro 1502-1700**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2010.
- ALGRANTI, Leila Mezan. **O Feitor Ausente**. Estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro 1808-1821. Petrópolis, Editora Vozes, 1988.
- ALGRANTI, Leila Mezan. Slavery in the Cities de Richard Wade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 5, n° 8/9, 1985, pp. 207-11.
- BAPTIST, Edward. **A Metade Que Nunca Foi Contada**. A Escravidão e a Construção do Capitalismo Norte-americano. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2019.
- FARIAS, Juliana et al. **Cidades Negras**. Africanos, crioulos e espaços urbanos do século XIX. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.
- GUIGUES, Ana Luiza. **O Espaço da Escravidão: Dinâmica Fundiária no Vale do Mississippi (1850-1860)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Geografia) - Universidade Federal Fluminense, 2022.
- KARASCH, Mary. **A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- LACOSTE, Yves. Braudel geógrafo. In: LACOSTE, Yves. **Ler Braudel**. Campinas: Papirus, 1989, p.175-225.
- LUZÓN, José L.; BAILA, José; SARDAÑA, Francisco. Sociedad y Espacio en La Habana de 1877. Un Ensayo de Geografía Urbana Histórica. **Revista de Geografía**, vol. XXIV. Barcelona, 1990, pp. 69-84.
- MARQUESE, Rafael; SALLES, Ricardo. **Escravidão e capitalismo histórico no século XIX: Cuba, Brasil e Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MARQUESE, Rafael. **Os tempos plurais da escravidão no Brasil**: ensaios de história e historiografia. 1. ed. São Paulo: Intermeios/PPGHS-USP, 2020.

MATTOSO, Kátia. **Ser Escravo no Brasil**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

PASSOS, Claudio Roberto Farias. Espaço e método de Milton Santos. **REVISTA GEONORTE**, v.7, n.27, 2016. p.78-84.

PARRON, Tâmis et al. **Escravidão e política**: Brasil e Cuba, 1790-1850. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. v. I. 382p.

PARRON, Tâmis. **A política da escravidão no Império do Brasil**, 1826-1865. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. I. 373p.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil** – A história do levante dos Malês em 1835. Edição Revista e Ampliada. São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

RIBEIRO, Guilherme. Fernand Braudel e a geo-história das civilizações. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.67-83.

ROTHMAN, Adam. **Slave Country**: American Expansion and the Origins of the Deep South. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. **Escravidão Urbana no Mundo Atlântico: Um Exame Historiográfico sobre o Rio de Janeiro e Havana (c. 1790-1850)**. 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009.

DOS SANTOS, Ynaê Lopes. **Irmãos do Atlântico**: Escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e Havana (1763-1844). 2012. Tese (Doutorado em História Social) - USP

TOMICH, Dale. **Pelo Prisma da Escravidão**. Trabalho, Capital e Economia Mundial. São Paulo: Edusp, 2011.

TOMICH, Dale. **New Frontiers of Slavery**. Albany: State University of New York Press, 2016.

TOMICH, Dale. (Org). **Reconstructing the Landscapes of Slavery**. A Visual History of the Plantation in the Nineteenth-Century Atlantic World. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2021.

VILLA, Carlos Eduardo Valencia. **Ao longo daquelas ruas**: a economia dos negros livres em Richmond e Rio de Janeiro, 1840-1860. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

WADE, Richard C. **Slavery in the Cities**: The South, 1820-1860. New York, Oxford University Press, 1964.

WALKER, D.E. **No more, No more**. Slavery and Cultural resistance in Havana and New Orleans. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2004.

WEIMER, Gregory. **Policing Slavery**: Order and the Development of Early Nineteenth-Century New Orleans and Salvador. 2015. (Tese) Doutorado em Filosofia - FLORIDA INTERNATIONAL UNIVERSITY.